



**ELIEL BARBERINO**

# EDEN FALLS

**O PARAÍSO  
PROIBIDO**

# EDEN FALLS

O PARAÍSO  
PROIBIDO

**ELIEL BARBERINO**

*“Dizem que o lar é onde o coração está, mas que pena,  
porque nem todos os corações batem no mesmo ritmo.”*

GREEN DAY, “JESUS OF SUBURBIA”

*“Talvez os dois mundos em que vivíamos não fossem tão  
diferentes. Nós víamos o mesmo pôr do sol.”*

S. E. HINTON, *THE OUTSIDERS: VIDAS SEM RUMO*

Para todos que cresceram  
com medo de amar.

## **NOTA DO AUTOR**

Esta história se passa em 1991, no auge do período conhecido como Pânico Satânico. Naquela época, a moral social era extremamente rígida.

Nesse contexto, era comum que a sociedade e a mídia tratassem práticas pagãs e alternativas com grande confusão e preconceito.

Os debates sobre gênero e sexualidade também eram muito diferentes dos de hoje em dia. Desta forma, as falas e atitudes das personagens ao longo do livro refletem a mentalidade da época.



# CAPÍTULO 1



**EU TINHA APENAS QUINZE ANOS QUANDO VI O DEMÔNIO PELA** primeira vez —, e ele era lindo. Foi no outono abafado de 1991, quando o calor parecia se recusar a ir embora. As aulas haviam voltado, mas Eden Falls ainda respirava um ar sonolento, com cheiro de grama recém-cortada. A cidade tinha o charme pitoresco das pequenas comunidades de Illinois, onde os sinos da igreja marcavam o ritmo dos dias e o jornal local ainda publicava fotos de competições de tortas. Todos se cumprimentavam pelo nome, e os adolescentes se reuniam na lanchonete, depois das aulas.

Eric parecia não pertencer àquele mundo. Destoava daquela pacata normalidade como um raio vibrante rasgando um céu sem nuvens, e aquilo me fascinava de um jeito que eu só começaria a entender muito depois.

Eu o vi pela primeira vez no velho fliperama da Benson Street. O lugar não existe mais hoje, faliu na virada do milênio, soterrado pelo avanço dos videogames e dos computadores domésticos. Naquela época, era um dos refúgios de meninos levemente deslocados, que viviam no vão entre os bem-comportados e os que já tinham ficha na delegacia.

O local era um antro de garotos desajustados, que se reuniam ali depois da aula para gastar os poucos centavos que sobravam do lanche. Era nosso refúgio secreto, longe dos olhares dos pais e professores, onde tínhamos liberdade para conversar sobre tudo, desde virgindade, masturbação,

meninas e algum rock que éramos proibidos de ouvir em casa. Todas essas coisas que tinham um frescor de novidade que nossos pais fingiam não existir. O lugar era como nosso Éden particular, um jardim secreto onde nenhum fruto era proibido.

Foi ali que experimentei pela primeira vez aquela sensação de camaradagem masculina da adolescência, um sentimento do qual eu aprenderia a sentir falta na vida adulta. Lá éramos simplesmente nós mesmos, adolescentes explorando e descobrindo o mundo, livres de máscaras e regras sociais.

Tudo isso se desenrolava sob o olhar indiferente de Justin, o anfitrião da casa. Ele era o único maior de idade ali (já tinha seus dezenove ou vinte anos), mas não parecia tão distante assim de nós. A garotada se amarrava na dele, pois tinha um visual rebelde, como um sócio de James Dean em *Juventude Transviada*, embora não tão bonito. Ele tinha uma cicatriz perto do olho, e nunca soubemos a causa, pois cada vez ele contava uma história diferente de como a adquiriu.

Seu passado misterioso talvez fosse apenas uma maneira de tentar impressionar a molecada. Sabíamos apenas que ele abandonara a escola muito novo, após fugir de casa, e por isso era um exemplo de liberdade que todo garoto admirava. O mais importante era que ele nos via como iguais. Os meninos se sentiam à vontade para confessar a ele seus piores pensamentos. Justin sempre fazia pouco caso das histórias que ouvia, como se já tivesse feito coisas piores.

Meus pais não gostavam que eu frequentasse o fliperama, mas, no fim da aula, eu sempre dava uma passada rápida por lá, atraído por jogar *Street Fighter II*. O jogo já não era nenhuma novidade quando o vi, mas em uma cidade pequena como a nossa, os grandes lançamentos sempre chegavam com alguns meses de atraso.

— Seu pai sabe que você está aqui, Jeremy? — Justin perguntou se debruçando sobre o balcão.

Usava uma camiseta básica branca, cujas mangas dobradas seguravam um maço de cigarros, num estilo desprezioso.

— Nem sonha — respondi, pedindo uma ficha. — Ele acha que vou na casa do Todd fazer o dever de casa.

Ele me olhou sorrindo, com os dentes trincados no cigarro, quase uma extensão da sua boca.

O lugar fedia a suor e nicotina. Eu sempre levava uma camisa na mochila e perfume, para que meus pais não sentissem o cheiro.

Naquela época, eu ainda não havia fumado, mas muitos dos garotos que frequentavam o fliperama davam uma tragada de vez em quando, muitas vezes com incentivo de Justin. Alguns preferiam Marlboro, pelo sabor forte e aura de durão; era como um atestado de masculinidade, mas Camel era o favorito disparado, com seu aroma mais doce e exótico. Chuckie Williams, um dos melhores clientes de Justin, começou a fumar aos dez e, alguns anos mais tarde, teve câncer de pulmão.

— Meu pai também era pastor, liderou uma igreja rural no Memphis — comentou Justin me entregando uma ficha. — Sei bem como é barra crescer num mundo assim. Acredita que uma vez fiquei de castigo só porque coleei um pôster do AC/DC na parede do meu quarto? O velho pirou total, me trancou por dois dias como se eu tivesse cometido um crime. Boa sorte, garoto. Vai precisar.

Eu sorri sem graça, pois entendia perfeitamente o que ele queria dizer.

O fliperama da Benson era um dos poucos lugares onde eu me sentia à vontade. Em todo o resto da cidade, era como se eu estivesse sendo vigiado o tempo todo. Os adultos formavam uma espécie de conselho de vigilância invisível e onipresente. Judith Albright, a velha bibliotecária com cara de cabra triste, avisava meus pais quando eu pegava algum livro “impróprio”. Em Eden Falls, qualquer adulto se sentia no dever de relatar o menor deslize. Aprendi isso da pior maneira possível, quando cabulei aula num dia de calor insuportável para me refrescar no rio e acabei de castigo por duas semanas. Nunca descobri quem me denunciou, mas passei a imaginar olhos por toda parte. Nenhum adulto era confiável, apenas Justin.

A camaradagem dos adultos reforçava, por contraste, a nossa própria. Juntos éramos fortes e nossos segredos mais sombrios estavam guardados naquela escuridão de neon.

Andei em direção ao gabinete de *Street Fighter* com a ficha dançando em minhas mãos, assobiando a melodia de “Wind of Changes”, tentando parecer mais descolado. Num descuido, ela escorregou entre meus dedos. Tentei pegá-la no ar, mas ela rolou na escuridão. Eu a segui com os olhos e a vi parando aos pés de um garoto que estava inclinado contra o painel de *Out Run*.

Ele imediatamente abaixou, pegou a ficha e a estendeu em minha direção. Nos encaramos e foi quando eu congelei ao perceber como seus olhos eram lindos. Ele ficou ali, me olhando, esperando alguma reação, quando me dei conta de que precisava agir. Estiquei a mão e peguei o objeto.

Nossos dedos se tocaram e senti um calor correr por meu corpo, como se a mão dele não fosse humana. Fiquei esperando ele dizer algo, mas não disse nada, apenas voltando sua atenção para o jogo.

Eu sussurrei um obrigado, mas ele não ouviu. A tela de *Out Run* emitia uma luz azulada e pulsante, iluminando seu rosto anguloso, que já havia perdido a redondeza da infância. O maxilar marcado e as maçãs do rosto mais protuberantes davam à sua face uma simetria invejável. Seu cabelo era a coisa mais escura dali, liso e levemente ondulado, caindo perfeito sobre a testa, repartido ao meio com uma precisão geométrica.

Ele ergueu a mão direita com a palma aberta, levou-a à cabeça e empurrou a massa de cabelo para trás, limpando a testa. A franja, teimosa, obedeceu por um microssegundo antes de cair exatamente de volta no mesmo lugar e na mesma forma de antes. Meus olhos desceram para a calça camuflada e a camisa preta, surrada no colarinho com o logotipo do *Metallica*, familiar mesmo para quem nunca tinha ouvido falar na banda. Mas o que realmente me prendeu foi uma correntinha brilhante que emoldurava seu pescoço e escorria por fora da camisa, com um pingente em forma de pentagrama dentro de um círculo.

Eu continuava a encará-lo, sem entender ainda muito bem por que aquela figura atraía minha atenção. Por alguns segundos, foi como se eu existisse apenas orbitando em torno dele num espaço vazio. Ele virou o rosto, percebendo que ainda estava sendo observado e, mais uma vez, vi seus olhos, de um verde âmbar profundo, refletindo as luzes coloridas das máquinas.

Desviei o olhar, constrangido. Girei sobre os calcanhares e me afastei, deslizando por um corredor estreito entre as máquinas. Meu coração batia acelerado, por algum motivo estranho. Talvez fosse o pentagrama, eu sabia o que aquilo significava.

O desconforto se dissipou assim que inseri a ficha no gabinete. Com as mãos trêmulas, a tela de seleção de *Street Fighter* se acendeu diante de

mim, iluminando meu rosto, e todo o resto simplesmente se apagou da minha memória.

Dos oito personagens disponíveis, Ken era, de longe, o meu favorito, embora fosse essencialmente a mesma coisa que o Ryu, mudando apenas o rosto e a cor do quimono. Uma solução claramente preguiçosa dos produtores para inflar o elenco e economizar memória.

Fui derrotado na quinta luta por Blanka, um monstro verde e grotesco que lutava na Floresta Amazônica. A coisa de que os garotos mais gostavam eram os rostos machucados dos personagens, quando perdiam a luta; um detalhe bobo que só seria superado pelas *fatalities* sanguinolentas de *Mortal Kombat*, no ano seguinte. A expressão de derrota de Blanka, quando conseguia derrotá-lo, sempre me fascinava: aqueles olhos esbugalhados saltando da órbita. Era engraçado e aterrador ao mesmo tempo.

As palavras *Game Over* apareceram na tela, e eu suspirei, conformado, peguei minha mochila e segui para a saída.

Enquanto caminhava, meus olhos foram puxados novamente para o garoto de olhos verdes, vidrado, dessa vez em *Final Fight*. Pensei em assisti-lo jogar. Não seria algo assim tão inusitado, afinal, quando não tínhamos grana, sempre passávamos algum tempo observando os outros meninos jogarem. Era assim que aprendíamos os macetes dos jogos e fazíamos amizades bem improváveis. Essa talvez fosse minha intenção inconsciente, mas, tomado pelo nervosismo, apenas me virei e continuei em direção à saída.

— Quem é aquele garoto? — perguntei a Justin, sem conseguir disfarçar a curiosidade.

Ele me lançou um olhar rápido e deu de ombros. Pelo jeito, sabia tão pouco sobre ele quanto eu.

— Ele apareceu por aqui esses dias. Não fala muito, fica na dele, entra, joga e vai embora — Justin tragou o cigarro antes de esmagar a guimba no cinzeiro —, mas, se tem uma coisa que eu consigo farejar de longe, é encrenca e esse garoto fede à encrenca.

— Você consegue dizer isso só de olhar pra ele? — perguntei achando graça.

Ele soltou a fumaça na minha cara com um sorriso.

— Consigo, porque quando olho pra ele, vejo a mim mesmo nessa idade.

# CAPÍTULO 2



**O DESPERTADOR TOCOU NA MANHÃ DE SEXTA. O SOL ENTRAVA** por uma fresta entre a parede e a cortina espessa que cobria a janela, iluminando minúsculas partículas de poeira suspensas no ar. Tateei o móvel ao lado da cama, dando tapas aleatórios na superfície, até que minha mão derubou o relógio, que rolou pelo piso sem parar de tocar.

Me levantei irritado e, quando fui pegar, ele foi chutado para debaixo da cama por um tênis Adidas branco surrado.

— Porra, Shawn — bufei sonolento.

— Se papai te ouvir falando palavrão, vai te deixar mais duas semanas de castigo — gracejou.

Me esgueirei para debaixo da cama e calei o velho despertador com um tapa.

Shawn era meu irmão, dois anos mais velho que eu. Não herdara do pai as mesmas sardas e cabelos ruivos, que antigamente me faziam sentir vergonha. Ele era mais bonito. Seus cabelos curtos eram de um castanho-escuro como os da mamãe. Era dez centímetros mais alto, de porte mais atlético, pois fez parte do time de futebol americano da escola, mas graças a uma fratura na clavícula precisou se afastar, e nunca mais retornou.

Ele já estava de pé enquanto eu ainda rastejava em minha preguiça. Me sentei na cama buscando coragem, invejando sua animação para mais um dia de aula. No último ano do ensino médio, ele era infinitamente mais

popular que eu, embora não fizesse parte da elite estudantil, algo com que ele pouco se importava.

Dividíamos o mesmo quarto, uma situação que oscilava entre o tolerável e o profundamente irritante. No passado, cada um tinha seu próprio espaço, até que meus pais tiveram a Sarah, nossa irmãzinha, e meu antigo quarto se transformou em um santuário cor-de-rosa para a caçula, e eu fui deslocado para o território hostil do meu irmão. Ser o filho do meio significava existir em um limbo constante, sem os privilégios do primogênito nem os mimos reservados à caçula.

— Vamos, você vai se atrasar — disse descendo as escadas, enquanto eu ainda esfregava os olhos.

Shawn era um bom irmão e sempre fomos próximos. Mas, na adolescência, nos distanciamos naturalmente. Isso ficou claro quando ele passou a só falar de garotas, um assunto que eu não conseguia acompanhar. Ele percebeu meu desinteresse, mas achava que eu só estava demorando mais para despertar para a vida. Os garotos sempre me pareceram mais interessantes e bonitos. Eu tentava me convencer de que as meninas da escola é que não eram muito atraentes, mas ao mesmo tempo me perguntava *por que diabos então havia tantos garotos bonitos no mesmo lugar?* Havia algo de errado nessa minha justificativa, mas eu preferia ignorar.

Eu queria, mas não podia contar a Shawn essas coisas. Não podia lhe dizer que depois da educação física, eu era sempre o último a entrar no chuveiro, inventando mil desculpas para não ter que encarar a nudez casual dos outros rapazes. Me agarrava à ideia de que era pura timidez, mas a verdade é que me faltava coragem para colocar em palavras algo que eu mal conseguia admitir para mim mesmo.

Desci para o café da manhã. O cheiro de bacon queimando, das panquecas e waffles congelados na travessa foi ficando mais intenso. Todos já estavam sentados à mesa. Sarah, com seus cabelos ruivos iguais aos meus, devorava uma panqueca com xarope de milho, com toda voracidade de uma menina de seis anos. Papai lia um livro, como todas as manhãs, enquanto mamãe lhe servia café numa xícara grande o suficiente para tomar sopa.

Ainda lembro quando meus olhos bateram na capa do livro: *Ele Veio Para Libertar os Cativos*, de uma tal Rebecca Brown. A capa era um homem

de roupão preto com capuz, semiajoelhado sobre um círculo e um pentagrama, as mãos erguidas enquanto uma espada descia do céu para cortar as correntes que o prendiam. Na hora, imaginei uma cena daquelas para alguma partida de RPG.

Meus pais nem imaginavam que o filho do meio deles era um “bastardo” que mexia com ocultismo nas horas vagas. Quer dizer, não de verdade, mas aquele era o auge do período que depois chamaríamos de *Pânico Satânico*.

Os adultos estavam convencidos de que havia uma guerra divina acontecendo bem ali, diante dos nossos olhos, e que o diabo estava levando a melhor. Foi um momento complicado, em que livros do Stephen King foram queimados em fogueiras improvisadas e bandas de heavy metal, arrastadas para tribunais por pais desconfiados.

Papai sempre citava aquele especial de Halloween do programa do Geraldo Rivera, quando o apresentador entrevistou dois presidiários que se diziam satanistas. Um deles, Sean Sellers, virou uma celebridade mórbida depois de matar os pais em Oklahoma, num ritual satânico usando apenas uma cueca preta no dia do assassinato. Essa informação específica, por alguma razão bizarra, sempre ficou gravada na minha cabeça. O crime foi solucionado muito rapidamente, e o menino de dezesseis anos foi logo condenado à morte.

Vários incidentes parecidos, envolvendo cultos obscuros, realmente aconteceram naquela época. Na nossa cidade, poucas semanas antes, a polícia chegou a encontrar um cachorro morto dentro de um pentagrama rabiscado no chão na porta do cemitério, o que acendeu um alerta na cabeça dos mais velhos.

Uma reunião fora marcada no salão paroquial da igreja católica para discutir o ocorrido. Mas até aquele momento, ninguém havia ainda sido responsabilizado pelo caso.

— Pai, esse livro não é daquela mulher que aparece na TV falando que enfrentou satanistas e — Shawn fez uma pausa, como se algo muito engraçado fosse completar sua pergunta — lobisomens?

Meu pai o encarou com a cara fechada percebendo o deboche.

— O mundo espiritual não é brincadeira, Shawn. Essas coisas malignas existem por aí, aos montes, acredite você, ou não. C.S Lewis diz que o

maior erro das pessoas em relação ao demônio é não acreditar que ele existe, ou acreditar demais a ponto de se sentir atraído por ele, mas você obviamente não está disposto a acreditar.

Shawn deu de ombros segurando um riso e mudou de assunto, antes que meu pai irrompesse num monólogo sobre como os órgãos públicos estavam completamente infiltrados por satanistas.

— Mãe, ficou sabendo que o Jeremy foi para o quadro de honras da escola?

Papai tirou os olhos do livro devagar. Minha mãe me olhou boquiaberta, como se aquela notícia tivesse acabado de reorganizar o mundo.

— Meu querido, parabéns. — Ela sorriu orgulhosa. — Como você não nos contou isso antes?

— Eu ia contar — eu disse lançando um olhar atravessado ao meu irmão. — Não é nada demais.

— *Nada demais* — Shawn repetiu, arrastando a cadeira para trás enquanto passava geleia na torrada —, só o filho perfeito sendo... perfeito.

Mamãe pigarreou, tentando manter o tom leve.

— Shawn, isso é motivo de orgulho.

— Claro que é. Nunca disse que não era — falou com a boca cheia de torrada.

— E você, Shawn, quando pretende voltar à igreja? — Papai fechou o livro lentamente, de maneira teatral.

— Não sei — meu irmão respondeu sem hesitar.

— Shawn, nós já conversamos sobre isso. — Mamãe franziu o cenho.

— Conversamos — ele deu de ombros —, e eu já disse que não faz mais sentido pra mim.

Papai arfou parecendo pronto para brigar, mas permaneceu calado.

— Por favor... só pense mais a respeito. É normal na juventude a gente questionar essas coisas, mas... — Mamãe olhou para o meu pai sem saber como completar.

— Querida, deixa. Todos conhecemos a história do filho pródigo.

— Olha, eu não estou sendo desrespeitoso com ninguém — Shawn disse mais baixo —, só não vou fingir que me vejo seguindo isso...

Papai olhou pra ele com olhos cerrados.

— Por enquanto — meu irmão completou, apenas para não irritar demais nossos velhos.

Minha mãe arfou, se dando por vencida.

— Nesta casa, nós servimos a Deus. Sempre foi assim — papai completou.

— Então sirvam. — Shawn se levantou, pegando o casaco. — Eu não estou impedindo ninguém. E não ir à igreja não significa que estou servindo ao diabo.

— Shawn — repreendeu minha mãe.

Shawn apenas revirou os olhos, sem que meus pais vissem e, ao passar por mim, bagunçou meu cabelo.

— Parabéns pelo quadro de honras, gênio.

Subiu para o quarto, e a porta bateu atrás dele.

Eu sempre fui o aluno exemplar, o filho comportado, o orgulho silencioso dos meus pais. Não era algo que eu precisasse me esforçar para ser, simplesmente acontecia. Shawn, por outro lado, vivia decididamente à própria maneira, sem permitir que a fé ou a autoridade deles ditasse os rumos da sua vida. Uma coragem que eu admirava mais do que jamais admiti. Coragem essa que eu não tinha ainda para dizer coisas como “pai, eu jogo RPG”, “Mãe, eu frequento o fliperama” ou algo muito pior que me dava náuseas só de pensar: *mãe, eu fico excitado quando vejo rapazes sem camisa.*

# CAPÍTULO 3



**ERAM 11H15 DA MANHÃ, O INTERVALO DEPOIS DA QUARTA** aula; minhas mãos ainda cheiravam a látex e formol do sapo que havíamos dissecado minutos antes. O bicho tinha os olhos vidrados, estranhamente pacífico, de quem aceita desde o início a hierarquia da natureza. Na cadeia alimentar escolar, eu era apenas um sapo, e somente graças a uma legislação vigorosa não era exterminado como um inseto por aqueles no topo: os atletas.

Ao virar a esquina, senti algo no ar mudar, feito a pressão que baixa antes da chuva. Por mais que não o visse, sabia que Jason Miller estava por perto. O burburinho típico dos atletas, encostados nos armários como animais de circo em seu ritual matinal de algazarra, sempre denunciava sua presença.

Eu o avistei um pouco à frente, rodeado por outros jogadores e líderes de torcida. O rapaz tinha um cabelo loiro, inspirado em Zack de *Saved by the Bell*, e sempre trazia estampado na cara um sorriso artificial, daqueles de propaganda de creme dental. Ao seu lado, Ashley Parker, sua namorada, permanecia agarrada ao seu braço, com a cabeça apoiada em seus ombros largos, sorrindo como uma Miss Universo. Embora aquela fosse uma visão corriqueira, sempre me fazia revirar os olhos.

Eles eram um bando de babacas, fato inegável, mas, aparentemente, essa opinião era compartilhada apenas pelos rejeitados, porque todo o

resto da Westbrook High School parecia lambe as botas daquela galera, tratada como realeza. Se pudessem, tenho certeza de que teriam erguido uma estátua dourada de Jason e Ashley no gramado.

Jason até tinha seus méritos: graças a ele, o time de futebol americano da escola havia vencido os dois últimos campeonatos do condado, algo que não acontecia desde a década de 1970, o que o elevou ao status de herói juvenil municipal. Nem todo o heroísmo do mundo impedia que ele fosse babaca sempre que surgia uma oportunidade.

— Não olha direto pra eles — murmurou Rick, cutucando meu braço com a pasta que transbordava de papel.

— Por que não?

— Semana passada eles jogaram um pobre coitado numa lata de lixo porque Jason cismou que ele estava olhando pra Ashley.

— Cuzões!

— Ah, qual foi, Jere. Certeza de que se você fosse um deles, faria o mesmo, e sabe disso. É a lei da selva, seleção natural. Nossos pais passaram por isso, nossos avós passaram por isso. A gente não pode mudar como o mundo funciona.

Rick era um poste loiro e magricela, devia ter mais de 1,80 m de altura, e era coroadado por um *mullet* que quase chegava aos ombros. Ironicamente, seu cabelo era a coisa mais volumosa em seu corpo. Vivia reclamando que, se toda aquela altura viesse acompanhada de músculos, estaria dando socos no ar com os jogadores de futebol, e não se escondendo na biblioteca com os nerds. Havia um certo ressentimento de sua parte, pois no ensino fundamental ele chegara a ser um menino popular, mas tudo desandou no ensino médio. Seus braços compridos demais o deixavam com um jeito meio desengonçado, mas ainda assim ele era bonito.

Dentro da biblioteca, o ar tinha cheiro de livro velho e mofo, ao qual já estávamos acostumados. No canto, ao lado de dois computadores antigos, que emitiam um zumbido constante, havia uma mesa tomada por fichários abertos e pilhas de revistas em quadrinhos que eu folheava nos tempos vagos.

— Cara, olha isso — disse Rick, levantando o *Manual dos Monstros*, com as páginas já pedindo aposentadoria. Ele bateu o dedo no desenho do dragão vermelho ancião. — Se o Todd resolver usar isso aqui na sexta, a gente tá morto.

— Certeza de que fará isso, ele anda muito sádico ultimamente.

Eu ainda puxava a cadeira para me sentar, quando ouvi uma voz rouca atrás de mim.

— E aí, te vejo sexta na minha casa, pra noite de RPG?

Nem precisei me virar pra reconhecer. Só Todd tinha aquele timbre de um rádio com mau contato. Todos os meus amigos ficaram com a voz estranha durante a puberdade, mas Todd parecia ter se superado. Era como se sua voz quebrasse em chiados oitavados nos piores momentos possíveis.

— Claro que sim. — Olhei para o meu melhor amigo, que se sentou ao meu lado. Os óculos de aro grosso estavam empoleirados no nariz, quase escorregando, enquanto os cabelos escuros arrepiados pareciam em eletricidade estática.

Sam apareceu em seguida, os cabelos castanhos cortados como se tivesse usado uma tesoura cega. Suas roupas pendiam do corpo, largas, revelando um desejo implícito de desaparecer dentro delas. Era o cérebro sarcástico do grupo, descolada e durona, mas com um coração mole do tamanho do mundo.

— Oi, pamonhas — ela saudou e se sentou.

— Todd, já descobriu a senha para o pornô da TV a cabo? — perguntou Rick, se inclinando sobre a mesa.

Éramos todos do segundo ano. Rick e Sam vieram de uma escola nos limites da cidade no ano anterior, enquanto eu e Todd estudamos juntos durante todo o fundamental.

— Não — respondeu frustrado. — Eu já procurei em tudo quanto é canto, até nos livros de receita da cozinha, mas eles esconderam bem demais. Híppies hipócritas.

— Você não vai ser um homem de verdade enquanto não assistir ao pornô, meu chapa!

— Ei, não tão me vendo aqui, seus babacas? — cortou Sam, jogando uma bolinha de papel em Rick. — Por isso vocês não pegam nenhuma menina, parecem um bando de virgens desesperados.

— Às vezes eu esqueço que você é uma menina — disse Rick com um sorriso enviesado.

Sam o calou com um soco no braço que o fez gemer.

Era sempre assim: o grupo se desentendia, e Sam botava ordem. Sem ela, já teria se desmantelado há muito tempo. Pensei nisso enquanto observava meu lápis girando entre os dedos, mas minha atenção foi puxada pelo rangido da dobradiça; olhei para a entrada, bem a tempo de ver dois garotos entrarem.

Reconheci de imediato o rapaz de olhos verdes do fliperama, o que me fez endireitar a postura sem pensar. Ao lado dele estava Sean O’Connel, um dos integrantes do grupo que Rick chamava de “o pessoal do sobretudo”, pois eram sempre vistos pra cima e pra baixo usando longos sobretudos pretos, mesmo sob o sol assassino de setembro daquele ano.

Eles estavam a poucos metros da nossa mesa. Não pareciam à procura de um livro específico; encaravam a prateleira com curiosidade, tirando volumes ao acaso, folheando os exemplares e logo devolvendo-os à estante, com o mesmo ar de desinteresse. Cochichavam constantemente entre si, enquanto vasculhavam novas fileiras de títulos.

— Eu tenho medo desse pessoal. Dizem que eles dormem em caixões — sussurrou Rick.

— Para com isso — repreendeu Sam. — Eles só são *diferentes*. Não estão fazendo mal a ninguém.

— Diferentes? — Rick arqueou uma sobrancelha. — Alguns deles usam coleiras de espinhos no pescoço. Você chama de diferentes, eu chamo de *socialmente perturbados*.

— É o jeito deles de se expressar — insistiu Sam. — Pelo menos não tentam ser cópias uns dos outros. Eles têm personalidade, e é justamente isso que falta para a maioria das pessoas dessa escola.

— Chame do que quiser — retrucou Rick —, mas isso não muda o fato de que a personalidade deles é esquisita... e medonha. Aposto que, se algum dia alguma coisa ruim acontecer nesta escola, eles vão estar envolvidos. — Ele se calou por um segundo, como se tivesse dito o bastante, mas Rick nunca sabia a hora de parar. — Como podem sair de casa daquele jeito e achar que tão arrasando? — A pergunta foi seguida por um bufo seco e esnobe.

— Você já se olhou no espelho, Rick? — resmungou Sam erguendo o olhar para ele pela primeira vez.

— O que há de errado com meu estilo? — Ele sorriu, vitorioso, sabendo que qualquer crítica que ela fizesse iria contrariar seu discurso sobre “ser autêntico”.

Ela entendeu a artimanha dele e sacudiu a cabeça voltando às suas anotações.

Eu fingia fazer a tarefa, mas meus olhos voltavam sempre para as duas figuras de preto à nossa frente. Ambos tinham a mesma palidez e vestiam o mesmo tom escuro, mas era no garoto dos olhos verdes que a luz da biblioteca incidia de maneira mais forte. Longe da escuridão do flipperama, seus olhos pareciam ainda mais intensos, como uma lagoa cristalina e radioativa. Ao contrário do que Rick dissera, eu não o achava estranho. O estilo dele era justamente o que me chamava a atenção: o walkman preso a um cinto de couro cravejado de rebites, os fones pendurados no pescoço, a jaqueta de couro preta, o jeans e as botas. Ele era uma contradição ambulante. Seu rosto quase angelical não combinava em nada com a expressão carrancuda que tentava sustentar.

— Quem é aquele? — perguntei apontando discretamente.

— Eric Hunter — respondeu Todd, coçando a cabeça. — Tá na aula de história avançada comigo e Rick. Não é de falar muito. Dizem que foi expulso da escola antiga por vandalismo.

— Balela! — cortou Sam. — Deve ser boato, igual àquela história idiota de que Bunny Morales matou o antigo diretor no Arizona. As pessoas inventam muito. Vocês não devem acreditar em tudo o que falam por aí.

— Cadê o clube de jornalismo nessas horas para investigar essa história? — reclamou Rick. — Só querem saber de falar dos bebedouros que não funcionam, na Guerra do Golfo... não é com isso que pessoas da nossa idade se importam.

Todd percebeu que eu ainda encarava Eric.

— Entre todos os esquisitões, esse ganha fácil — comentou. — No anuário, certeza de que vai levar o título de “o mais provável de virar um vampiro”. Vocês viram que ele passa delineador e pinta as unhas de preto?

— Não só isso — Rick deu uma risada curta —, dizem que ele anda com um frasco contendo o próprio sangue pendurado no cordão e que bebe

na frente dos outros alunos na hora do almoço, e ouvi dizer que ele comeu a perna de um sapo na aula de biologia.

Sam revirou os olhos. Olhei para ele novamente tentando encontrar o tal frasco no pescoço, mas só vi um cordão fino que se escondia sob a camisa. Provavelmente o mesmo cordão do pentagrama que o vi usando no fliperama.

— Não é justo — resmungou Todd. — A gente é zoado por bem menos. Olha só para essa gente, são o que há de mais esquisito na escola e ninguém fala nada.

— As pessoas falam, sim, mas pelas costas, porque têm medo deles — respondeu Sam.

— Você podia vestir um sobretudo e se juntar a eles, que tal? — sugeri a Todd. — Talvez não fosse alvo constante dos valentões.

— Fala sério — respondeu meu melhor amigo. — Prefiro continuar sendo alvo de zombaria. Só faltam mais dois anos e toda essa maluquice acaba, não preciso sujar minha reputação ainda mais.

O sinal tocou anunciando o horário do primeiro almoço. Recolhemos nossas coisas e, enquanto seguíamos para a saída, passamos pelo corredor da prateleira onde os garotos de preto haviam estado. Por curiosidade, deslizei os olhos pelas lombadas daquela seção, notando que dois ou três volumes estavam claramente desalinhados. Notei que um deles era uma história sobre o Julgamento das Bruxas de Salém e, logo ao lado, um volume gasto sobre alquimia durante a Renascença.

Saímos da biblioteca e nos juntamos aos estudantes que se dirigiam ao refeitório.

— Este ano vocês vão ao baile de boas-vindas? — perguntou Rick, colocando na conversa o evento social mais importante do início do ano.

Todd balançou a cabeça negativamente, enquanto sentávamos ajeitando nossas bandejas sobre a mesa.

— Qual foi, galera! Vocês não pensam nem por um instante em tentar sair do fundo do poço social? — insistiu Rick com os braços abertos.

— Um homem sábio é aquele que conhece seus limites — recitou Todd. — Não vou gastar energia numa guerra perdida. Jere, seu irmão é um aluno bem popular. Você está um degrau acima da gente por conta disso. Basta

convidar uma garota e ir ao baile... que tal a Jennifer? Acho que a vi te olhando no ano passado.

Rick bufou baixinho antes de responder:

— Ela *nunca* sairia com o Jeremy.

— Por que não? — interveio Sam. — Jere é um bom partido. Se ele se esforçasse, poderia sair do ostracismo em que estamos. Se tem alguém do nosso grupo com alguma perspectiva de futuro social, é ele.

— Seria nossa escada para a popularidade — disse Rick, sorrindo com aquele brilho de quem vê oportunidade em tudo.

— Galera, obrigado, mas dispenso o papel de salvador dos CDFs — rebati, cruzando os braços. — Eu tô bem do jeito que estamos.

— Gente, pensa bem — continuou Rick —, vamos deixar mais um ano passar e nossa fama ficar consolidada como os dejetos da escola? *Carambolas!* Esse ano é decisivo pra gente. Ou fazemos algo, ou levaremos essa reputação até o fim do ensino médio e teremos nossas fotos eternizadas no anuário de formatura como um personagem de *Revenge of the Nerds*.

— Eu não ligo — falou Todd, indiferente.

— Rick, por que você não convida a Sam e vocês vão ao baile juntos? — sugeri, tentando cortar a pressão.

Sam arregalou os olhos.

— Não. — Seus olhos corriam de Rick para mim, depois para Todd, e de volta para mim. — Por que não vamos nós quatro e pronto? *Todos juntos*. Eu não ligo tanto pra essa coisa de *vida social*, mas faz sentido a gente se misturar um pouco pra não ficar totalmente de fora. Temos que nadar com a maré, sabe? Pensa bem: a gente já interpreta personagens de RPG... seria igual. Só fingiríamos nos importar com o baile, passar despercebidos e evitar problemas. Talvez o Rick até tenha um pouco de razão.

— Eu não falo de *fingir*, eu falo de *ser* — resmungou Rick.

— No fim das contas, é tudo a mesma coisa — afirmou Sam.

— Olha, talvez possa realmente funcionar. Não parece tão complicado assim e se der certo, pode nos poupar de alguns problemas — palpitei, com um meio-sorriso. — O que você acha, Todd?

— Se vocês acham que é uma boa ideia, eu tô dentro. *Tudo pelo bem do grupo*.

— Fechou! Mas não esperem que eu use um vestido no baile, ok? — afirmou Sam.

Frank era o nosso professor de educação física, um dos mais antigos da Westbrook. Era respeitado e temido, pois também fora um veterano da Guerra do Vietnã e não cansava de se orgulhar disso. Diziam que ele havia sido um dos poucos sobreviventes do seu pelotão e que escapou de um massacre dos vietcongues fingindo-se de morto debaixo do corpo de um amigo. Por isso, berrava conosco como se fôssemos seus recrutas.

Suas aulas eram insuportáveis, mais parecidas com treinos militares do que com qualquer educação física. A voz dele reverberava, estridente o suficiente para me dar dor de cabeça.

— Vamos, mexam essas bundas preguiçosas! — ele gritava, com o apito pendurado no pescoço balançando ao lado de uma medalhinha de guerra com seu nome gravado. A camisa justa destacava a barriga saliente, enfiada para dentro de uma calça de moletom verde com listras laterais.

Na quadra, alunos de diferentes anos disputavam uma partida de basquete, numa aula mista, enquanto os que esperavam sua vez eram obrigados a correr em volta da quadra dez, quinze, vinte vezes. Minhas pernas doíam, meu corpo quente como uma caldeira parecia que colapsaria.

Eu parei por um instante, encostando as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego, quando o apito do professor cortou o ar da quadra. Até quem estava jogando basquete se assustou. Um dos garotos deixou a bola cair, e ela rolou pelo piso lustroso de madeira.

— Ei, Jeremy! Não disse que podia parar! Até minha mãe com artrite aguentaria mais que você! Vamos, seu molenga.

As risadas se espalharam. Eu fingi que não ouvi, engoli em seco, mas por dentro meu sangue fervia. Não era a primeira vez que ele me escolhia como alvo, e provavelmente não seria a última.

O som seco da bola quicando de novo anunciou que a aula seguia seu rumo normalmente. Broncas desse tipo eram tão frequentes nas aulas do Frank que ninguém as levava a sério. Qualquer um poderia ser um alvo. Respirei fundo, ergui a cabeça e segui correndo até completar a última volta.

Sem forças nas pernas, me joguei sentado na arquibancada, a cabeça jogada para trás, o suor escorrendo pela cara deixando marcas na camiseta. Puxei o ar tentando repor os níveis de oxigênio e, quando ele voltou, meu cérebro conseguiu distinguir com calma o ambiente ao meu redor. O professor permanecia do outro lado da quadra, com as mãos atadas nas costas, observando a mínima falha de algum de seus cadetes. Eu lamentei que uma bomba não tivesse caído em sua cabeça durante a guerra.

Olhei para trás, no banco acima de mim estavam a namorada de Jason e mais duas amigas. Ashley estava segurando um pequeno espelho onde arrumava seu longo e volumoso cabelo com um biquinho no rosto. Sua feição logo mudou quando nossos olhos se esbarraram. Sua sobrelanceira se arqueou, e ela disse:

— O que foi, *estranho*, nunca viu uma mulher?

Em seguida, Heather, uma das meninas ao seu lado, dona de uma cabeleira castanho-escuro, elegante, segurou os seios e os balançou enquanto me mostrava a língua numa careta de deboche.

Eu desviei o olhar de volta para a quadra, e ouvi os risinhos de outra menina — Brittany, com seu rabo de cavalo dourado e sorriso tão branco como uma folha de papel. Todas observavam a cena com ar de superioridade.

Na quadra, Jason dominava o jogo. Corria de um lado a outro com a bola, driblando os adversários como se fossem obstáculos insignificantes. Estava no time que jogava sem camisa. Seu corpo suado brilhava como se tivesse sido coberto por uma fina camada de óleo.

Por um instante, não consegui desviar o olhar. O peito saliente, a barriga definida, os pelos nas axilas à mostra quando ele levantava os braços torneados fazendo os arremessos. Tudo me chamava a atenção de uma maneira que me deixava constrangido. Meu coração quase saiu pela garganta, e eu engoli em seco. Apertei as mãos nos meus joelhos até as unhas começarem a marcar a pele.

Para piorar a situação, uma ereção se acentuou em meu short quando, ao comemorar uma cesta, abraçou um dos amigos do time. *Merda. Merda!* Eu odiava a educação física, aquilo era uma tortura para mim.

Foi tentando me distrair que olhei para os jogadores do outro time que jogavam de camisa, e lá vi Eric. Ele estava quase parado com as mãos na

cintura, no fundo da quadra. Não parecia muito animado com a partida. Se movimentava o menos possível com passos lentos longe de onde o jogo realmente acontecia. Por um instante, pensei que ele estivesse se recusando a jogar só para não bagunçar o cabelo.

— Eric, você vai jogar ou vou ter que te indicar para as animadoras de torcida? — Frank gritou com a voz rouca, e os risos flutuaram pelo lugar.

Eric apenas revirou os olhos com um arranco pela quadra na direção onde a bola estava em jogo. Foi quando ouvi os sussurros acima de mim e as olhei de soslaio.

— Quem é esse menino? — perguntou Heather, lixando a unha.

— É só um novato qualquer — respondeu Ashley, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Tenho aula de química com ele. Não se anime muito, Heather. Já viu como ele se veste no dia a dia? Um daqueles esquisitos do submundo.

— Eu nunca tinha reparado nele... é um gatinho — comentou Brittany, com tom maldoso, disfarçado por um risinho.

— Não podemos negar que ele é lindo — completou Heather, se abanando.

— Um estranho de carteirinha. Antissocial. Isso, sim — retrucou Ashley. — Tem fama de quem se envolve com essas coisas de cultos, bruxaria ou satanismo, sei lá.

— Qual a diferença de um pro outro? — indagou Brittany.

— Sei lá... magia negra e branca, tridente e vassoura? Eu sou batista, nem me meto nisso — disse Heather.

As outras a encararam como se ela tivesse contado uma mentira deslavada.

— Eu dou jeito nele rapidinho — disse Brittany, rindo alto. — Aposto que sem essas roupas estranhas ele é um gostoso.

— Deve ser mesmo — concordou Ashley, recebendo um olhar repreensivo das amigas, mas logo todas caíram na risada, como se compartilhassem algum segredo sobre o comportamento da amiga que o resto da escola não sabia.

Naquele momento, a bola chegou até Eric. Ele a segurou com naturalidade e correu pela quadra. Quando Jason se colocou à sua frente para

bloquear, ele saltou e arremessou. A bola fez um semicírculo no ar, bateu no aro e quicou, quase entrando.

Um uivo dos rapazes do time de camisa ecoou pela quadra.

As meninas atrás de mim se levantaram e vibraram de maneira desproporcional, tentando chamar a atenção de Eric.

Jason olhou para a arquibancada, franzindo a testa, braços abertos e o queixo inclinado se movendo de um lado para o outro, como se perguntasse: “Que porra é essa?”

Ashley apenas desviou o olhar sem graça.

Eric tentava pegar o rebote, mas Jason logo o interceptou. Em vez de disputar a bola, Jason usou o cotovelo e o empurrou com força, fazendo o garoto cair desajeitadamente no chão da quadra.

Eric se levantou com o rosto vermelho e olhar cerrado; avançou contra Jason, com os braços abertos.

— Qual é a sua, cara?!

Jason apenas sorriu com deboche, um sorriso de pura descrença diante da afronta, o que fez Eric cerrar os punhos e avançar ainda mais. Os outros alunos correram e o seguraram pelos braços, levando-o para longe de Jason.

Frank, com um assobio agudo e seco de seu apito, deu fim à confusão.

— Miller! Hunter! Cinco voltas de punição após o treino. Os dois! Se eu vir mais uma palhaçada, vocês passam a semana limpando o vestiário. Voltem para a porra do jogo!

Jason logo se ajeitou e conduziu o jogo com normalidade. Por mais durão e popular que fosse, ele era submisso a Frank. O professor era também o técnico principal do time de futebol americano, detendo o poder absoluto de tirá-lo do elenco. Sem o esporte, todo o império de popularidade de Jason Miller desmoronaria em segundos.

O campo de tensão na quadra havia diminuído, mas os cochichos recomeçaram nas arquibancadas.

— Seu namorado não gostou — cochichou Heather, desapontada.

— Ele é meio ciumento — comentou Ashley.

— Não diga — riu Brittany.

— Lembram do ano passado, quando ele jogou o James na lixeira só porque ele te olhou, Ash? — recordou Heather. — E aquele menino de cálculo? Tomou uns sopapos só porque o professor colocou vocês como dupla.

— Já disse, ele é ciumento — rebateu Ashley. — Isso é bom. Significa que ele se importa comigo.

— Pois eu prefiro estar sozinha do que ter alguém tão controlador assim no meu pé. Além do mais, ser solteira me permite confortar o Eric depois do jogo.

— Meu Deus, Brit! — repreendeu Heather. — Você é uma puta! — Um silêncio pairou entre elas, mas logo se entregaram a um riso cúmplice.

Frank soprou o apito.

Os garotos relaxaram e começaram a deixar a quadra, se cumprimentando e se parabenizando pela partida, enquanto Eric e Jason cumpriam a punição dando voltas na quadra, um distante do outro.

— Vão para o vestiário, vocês fedem — gritou o professor para os outros alunos.

Ouvi Brittany sussurrar:

— Como eu queria ser um garoto gay agora, só pra ver o Eric sem camisa no vestiário.

Os risos explodiram de novo, mas se contiveram quando Jason se aproximou correndo.

Ele parou um pouco à minha frente, olhando para os lados, a ponto de ver Frank deixando a quadra, e logo olhou para cima onde as meninas estavam atrás de mim. Seu short curto mostrava pele demais, suas coxas firmes e com contornos bem-definidos, bem à altura dos meus olhos, se não bastasse isso, o tecido fino deixava à mostra tudo o que não devia. Estava lá balançando como um pêndulo, deixando claro que ele não usava cueca. Encarei o volume, meu rosto corou e logo fixei os olhos nos meus pés, minhas mãos apertando ainda mais meus joelhos.

— *O que foi aquilo?* Trocaram de lado? — perguntou, cruzando os braços irritado.

Ashley mantinha a cabeça abaixada.

— O menino é uma graça, Jason. Você podia apresentar ele pra gente — Heather desembuchou.

O *quarterback* franziu a testa como se tivesse ouvido um absurdo.

— Ele é uma *aberração*, isso, sim. Já viram como ele é fora daqui? Continue pensando assim e logo você vai acabar com ele morando num trailer sujo e minúsculo fazendo rituais enquanto ouvem músicas satânicas.

Heather imitou um gesto como se tocasse uma guitarra imaginária, colocando a língua para fora.

Brittany comentou rindo:

— Imagina o que ele não consegue fazer com aquela língua.

Todas caíram na gargalhada, incluindo Ashley.

Jason lançou um olhar irritado, repreendendo-a, e ela fechou a cara num pedido de desculpas.

— Vocês não podem estar falando sério... — bufou Jason e se virou indo para o vestiário, ignorando o restante do castigo. O suor escorria por suas costas largas.

Brittany e Heather deram de ombros, então uma delas chutou de leve minhas costas no momento em que Eric passou por nós correndo.

Eu olhei para trás assustado. Era Brittany que se inclinava para cima de mim.

— Ei, *estranho*, você é amigo daquele garoto? *Vocês dois são estranhos.*

Eu neguei com a cabeça.

— Não... eu não o conheço.

Seu sorriso de falso otimismo se desmanchou num olhar afetado e nojento.

— Nem pra isso serve. *Inútil* — se lamentou.